



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 31 - dezembro de 2023

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2023i31p1-4>

APRESENTAÇÃO

Este número da *Revista FronteiraZ* reúne artigos do dossiê *Literatura, tensões sociais, políticas e educação para as relações étnico-raciais*. São vozes que apresentam um diálogo em contexto tensionado, ao abordar questões étnico-raciais tecidas em perspectivas poéticas africanas contemporâneas em língua portuguesa, em busca da constituição de uma literatura negra, de uma literatura afro-brasileira/negro-brasileira ou que apontam rumos de diálogos distantes de rótulos delimitadores. Apreende, ainda, a literatura como dispositivo para práticas pedagógicas antirracistas, indicando a escola/educação como espaço de importância para reflexão e construção da identidade humana. A dicção literária desses artigos não descarta a tensão como um de seus elementos indispensáveis, seja tensionando o cânone, afrontando a história da literatura, interrogando a teoria e a crítica, rasurando conceitos, seja rompendo fronteiras.

O dossiê *Literatura, tensões sociais, políticas e educação para as relações étnico-raciais* chama a atenção para uma produção literária decorrente da diáspora, sugerindo possíveis discussões sobre um discurso autônomo, apontado para o futuro, com raízes no passado. É nessa perspectiva que este número acolhe artigos que manifestam tensões étnicas e políticas, interrogando potencialidades escritas e críticas da literatura.

As autoras Jordânia Dantas Freire e Naelza de Araújo Wanderley, em *A representatividade de mulheres negras na literatura brasileira: uma leitura de cordéis de Jarid Arraes*, destacam o contradiscurso ao silenciamento e ao apagamento de escrita literária de autoria feminina, tanto no âmbito da historiografia, como do espaço escolar. A partir de dois cordéis de Jarid Arraes, refletem sobre representações estereotipadas a que mulheres foram associadas na literatura brasileira, ao mesmo tempo que legitimam as vozes e as representações das identidades dessas mulheres negras, em especial, as das

escritoras Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis, além de apresentarem-nas em projeto literário de luta e resistência.

Na linha de um feminismo afrodiaspórico, segue *Mulheres negras brasileiras*: notas sobre feminismo afrodiaspórico, de Antônio Souza e Tânia Hoff. A partir de obras de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, são abordados os feminismos negros, que problematizam aspectos de resistência da mulher negra, experimentados por personagens femininas, a começar de memórias e referências autobiográficas. As personagens contam suas histórias na condição de sujeito, dando visibilidade à subjetividade, afetos e modos de existência, tornando ainda dizível a experiência silenciada pelas injustiças sociais.

O artigo *A autoria feminina nos programas de pós-graduação: velhas fronteiras e novos trânsitos*, pensado por Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins, Sérgio Ricardo Oliveira Martins e Viviane Ramos de Freitas, volta-se para as práticas pedagógicas, ao analisar a dimensão estético-política e literária da autoria feminina negra nas ementas ou planos de aula dos programas de pós-graduação, em áreas concentradas em Literatura e Estudos Literários, das universidades públicas brasileiras, especificamente da região Nordeste. Abordam-se questões como representatividade, autorreconhecimento e autoavaliação, refletindo sobre lacunas e distanciamentos diante de um referencial masculino e branco, em prol de um compromisso com a diversidade de gêneros e com a luta antirracista nas instituições de ensino superior.

Se a produção até agora foca a autoria feminina brasileira, o artigo *Subalternidade e maternidade: uma análise do conto “Forçadamente Mulher, Forçosamente Mãe”*, de Dina Salústio, de Ana Carolina da Silveira Costa Santiago, trata, sob perspectiva feminista pós-colonial, de produção de autoria cabo-verdiana. De realidades similares entre Brasil e Cabo Verde, é da mulher como indivíduo subalterno na Ilha de Cabo Verde que este artigo trata. De uma história cultural suprimida e uma história individual reprimida, Costa Santiago busca refletir sobre mulheres cabo-verdianas, abordando, em especial, a gravidez precoce e o amadurecimento dessas jovens mulheres, de modo que possam emergir dessa dupla e obscura identidade subalterna.

Na parte final do dossiê, dois artigos tratam de literatura infantil. O primeiro deles, intitulado *Rapunzel e o Quibungo no PNLD literário: representação, autoria e negrismo nas adaptações dos contos de fadas*, de autoria de Betty Bastos Lopes Santos e Luciana Sacramento Moreno Gonçalves, analisa a versão adaptada da obra *Rapunzel e o Quibungo* (2012), aprovada pelo PNLD Literário – 2018. São destacados aspectos importantes acerca da representação de crianças negras nessa adaptação, assim como questionado o

uso de elementos da cultura africana e afro-brasileira em pano de fundo europeu. Ressalta-se, ainda, a necessidade de mais produções de autores negros no mercado editorial e em programas de incentivo à leitura, como o PNLD Literário. O outro artigo, *A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira para bebês e crianças pequenas*: um campo conceitual, de Sara da Silva Pereira e Lucimar Rosa Dias, centra-se na discussão de perspectivas conceituais a partir do panorama da produção de literatura infantil de temática africana e afro-brasileira. Após análise de pesquisas, em estudo de revisão, conclui-se que o campo de reflexão sobre a literatura infantil está em processo de construção; entretanto, há uma lacuna no que diz respeito à escuta de bebês e crianças pequenas sobre a literatura infantil de temática africana e afro-brasileira.

Completam este número da *Revista FronteiraZ* cinco artigos reunidos na seção Ensaaios. O primeiro, *Silêncio*: tessitura de linguagem em *O Ausente*, de Edimilson de Almeida Pereira, de autoria de Carlos Augusto Ferreirinha e Maria Aparecida Junqueira, reflete sobre a potencialidade da linguagem na configuração da Voz das personagens desse romance, como possibilidade de existência e condição de alcançar o aquém da linguagem. Desdobra-se, na análise, o romance em suas três partes para apreender uma prosa que se tece em linguagem enigmática e cifrada, e um personagem narrador cujos ofícios têm em comum a palavra, seja a cura pela palavra como curandeiro, seja a cura pela palavra como contador de histórias. À mostra, um processo de criação que põe em evidência a complexa relação entre vivência e escrita. O artigo seguinte, *Por uma ratografia do presente em O riso dos ratos*, de Joca R. Terron, é assinado por Luma Miranda e Nilcéia Valdati. Tem como objetivo verificar como a figura do rato, presente em alguns textos da literatura ocidental, em especial, em *O riso dos ratos* (2021), de Joca R. Terron, denota uma leitura político-estética do tempo. Nomeia por ratografia uma espécie de escrita do rato, que ao escrever sobre o seu tempo, “[...] escreve sobre aquilo que perdura e está associado aos problemas sociais, políticos e históricos, sobretudo à violência”. Afirmam ainda as autoras: “E o rato, essa alegoria do homem que o acompanha, pontua a violência de cada época e a bestialidade personificada no ser humano”. O terceiro artigo, *A soturna narrativa do velho Eulálio em Leite Derramado*, de Priscila Simeão Silva Maduro e Sandro Roberto Maio, reflete sobre o ideário melancólico do narrador Eulálio d’Assumpção, em *Leite Derramado*, de Chico Buarque, cuja decadência norteia a percepção do passado e faz com que o ponto de vista seja articulado entre o sarcasmo e a impossibilidade de modificar sua existência. A narrativa é construída por camadas discursivas ambivalentes, atravessada por digressões, e

permeada pela melancolia, resultando em escritura soturna que flutua entre presente e passado, modernidade e tradição, realidade e fantasia. Encerrando a seção Ensaios, os dois últimos artigos, um sobre literatura inglesa e outro sobre literatura mexicana, voltam-se para Virgínia Woolf e Valeria Luiselli. Em *A verdejante literatura de Virginia Woolf*: notas de ecocrítica, Daniel Almeida Machado e Angela Maria Guida, tendo como perspectiva a ecocrítica, à luz de exercícios de alteridade, realizam leitura crítica com destaque para o conto “Kew Gardens”. Problematiza-se sobre como essa escrita de autoria feminina, em tempos e condições distintas, torna-se um convite para um olhar mais atento às demais formas de vida com as quais dividimos essa grande casa chamada Terra. Junto à ecocrítica, a crítica feminista é chamada para indicar a potência do feminino para investigar o universo vegetal. Em seguida, Marcos César de Paula Soares, autor de *Literatura, ruína e memória em O arquivo das crianças perdidas, de Valeria Luiselli*, dedica-se à análise desse romance que trata das crianças migrantes detidas na fronteira entre Estados Unidos e México. Ao lado desse tema de dimensão histórica, outro se enlaça, os problemas afetivos que separam as quatro personagens principais do enredo. A hipótese que se articula é que o romance tematiza as dificuldades de narrar a complexidade de uma alteridade radical a partir do ponto de vista restrito da narradora. Conclui-se que o romance faz uma crítica da ideia da inclusão social por meio da multiplicação de discursos culturais.

Destaca-se, ainda, um dos pontos altos desse número, que é a seção de Entrevista com a Profa. Dra. Monica do Amaral, da Faculdade de Educação da USP, líder do *Grupo de Pesquisa Educação e afroperspectivas*, que, juntamente com dois outros pesquisadores - Valdirene Rosa de Souza e Kleber Galvão de Siqueira Junior - apresenta os resultados das pesquisas desse Grupo focado em estratégias pedagógicas embasadas em epistemologia crítica decolonial sul-americana, afro-brasileira e feminista.

As discussões acolhidas neste volume de *FronteiraZ*, por um lado, revelam tendências críticas e, por outro, buscam desarranjar sentidos e lugares fixos, traduzindo inquietações e expectativas. Fica o convite para a leitura e o compartilhamento das reflexões trazidas pelos pesquisadores a esta chamada de *FronteiraZ*, e que novas frentes se abram para o estudo de caminhos críticos que continuem a problematizar o objeto literário de modo incisivo, rigoroso e revelador de novos modos de dizer a literatura.

Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira (PUC-SP)

Profa. Dra. Maria Rosa Duarte de Oliveira (PUC-SP)